



*Richard Bach*

# FERNÃO CAPELO GAIVOTA

FOTOGRAFIAS DE RUSSELL MUNSON

Traduzido do inglês por  
**Patrícia Cascão**







# Primeira Parte





Era manhã e

o novo sol salpicava de dourado as ondas de um mar calmo.

A dois quilómetros da costa, um barco de pesca lançava isco à água e o chamamento para o Bando do Pequeno-almoço espalhou-se pelo ar, até uma multidão de mil gaivotas chegar para disputar os pedaços de comida. Era o início de outro dia atarefado.

Mas, a grande distância, sozinho e muito para lá do barco e da costa, Fernão Capelo Gaivota estava a praticar. A trinta metros de altitude, no céu, ele baixou as patas com membranas, elevou o bico e esforçou-se para continuar a virar, com uma difícil e dolorosa torção das asas. A curva permitia-lhe voar mais devagar e, então, ele abrandou até o vento lhe tocar o rosto como um sussurro, até o oceano ficar imóvel debaixo dele. Semicerrou os olhos, numa concentração intensa, suspendeu a respiração, forçou mais... dois... centímetros... de... curva... E então as suas penas agitaram-se, ele parou e caiu.

Como sabem, as gaivotas nunca hesitam, nunca param. Atrapalharem-se no ar é para elas uma vergonha e uma desonra.

Mas Fernão Capelo Gaivota não era um pássaro normal. Sem se sentir envergonhado, estendeu as asas outra vez para aquela curva difícil que lhe fazia estremecer o corpo e desacelerou, desacelerou até parar novamente.

A maioria das gaivotas não se dá ao trabalho de aprender mais do que os rudimentos do voo: como ir da costa até à comida e voltar. Para a maioria das gaivotas, o que interessa não é voar, mas sim comer. Para esta gaivota, porém, não era a comida que interessava, mas sim o voo. Mais do que qualquer outra coisa, Fernão Capelo Gaivota adorava voar.

Acabou por descobrir que esta maneira de pensar não o tornava popular entre as outras aves. Até os próprios pais ficaram desapontados por Fernão passar dias inteiros sozinho, a fazer centenas de voos rasantes, a experimentar.

Ele não sabia, por exemplo, porque é que, quando voava sobre a água a altitudes inferiores a metade do comprimento da sua asa, conseguia manter-se no ar mais tempo, com menos esforço. As planagens não terminavam com o habitual chapão de patas no mar, mas com um poisar longo e suave, com as patas bem apertadas contra o corpo. Quando ele começou a poisar na praia sem usar as patas, e depois a medir a passos o comprimento do seu voo na areia, os pais ficaram mesmo muito desapontados.

– Porquê, Fernão, porquê? – perguntou-lhe a mãe. – Porque é que é tão difícil seres como o resto do bando, Fernão? Porque é que não deixas os voos a baixa altitude para os pelicanos e os albatrozes? Porque é que não comes? Filho, estás penas e ossos!

– Não me importo de estar penas e ossos, mãe. Eu só quero saber o que é que consigo e não consigo fazer no ar, só isso. Só quero saber.

– Presta atenção, Fernão – disse-lhe o pai, com amabilidade.  
– O Inverno não está longe. Haverá menos barcos e os peixes

de superfície vão nadar a maior profundidade. Se tens de estudar, então estuda a comida e como a obter. Este assunto do voo é muito bonito, mas sabes que não podes comer um voo rasante. Não te esqueças de que a razão por que voas é para comer.

Fernão Capelo Gaivota assentiu, obediente. Durante os dias seguintes tentou comportar-se como as outras gaivotas; ele tentou mesmo, guinchando e lutando com o bando à volta dos cais e dos barcos de pesca, mergulhando sobre restos de peixe e de pão. Mas não conseguia que isso resultasse.

“É tudo inútil”, pensou, largando deliberadamente aos pés de uma velha gaivota faminta, que o perseguia, uma anchova conquistada com dificuldade. “Podia estar a usar todo este tempo para aprender a voar. Há tanto para aprender!”

Não demorou muito até Fernão Gaivota estar novamente sozinho, bem longe, no mar alto, com fome, feliz, a aprender.

O tema era a velocidade e numa semana de prática ele aprendeu mais sobre isso do que a mais rápida gaivota viva.

A trezentos metros de altitude, a bater as asas tão depressa quanto conseguia, ele impulsionou-se para um vertiginoso mergulho em direção às ondas e aprendeu porque é que as gaivotas não fazem mergulhos vertiginosos. Em apenas seis segundos atingiu os cento e dez quilómetros por hora, a velocidade a que as asas se tornam instáveis quando sobem.

Aconteceu vezes sem conta. Mesmo sendo tão cuidadoso e a trabalhar com o máximo da sua habilidade, perdia sempre o controlo a alta velocidade.









Subia até aos trezentos metros. Primeiro acelerava a fundo em frente, depois dava impulso com as asas para mergulhar na vertical. Mas, em todas as tentativas, a asa esquerda bloqueava sempre numa batida e ele rolava violentamente sobre si próprio para a esquerda, bloqueava a asa direita na recuperação e, com um tremor, caía aos trambolhões numa espiral descontrolada para a direita.

Ele não conseguia ser suficientemente cuidadoso com aquela batida de asa. Tentou dez vezes e, em todas elas, assim que ultrapassava os cento e dez quilómetros por hora, acabava numa massa descontrolada de penas e estatelava-se na água.

“A solução”, pensou finalmente, completamente encharcado, “deve ser manter as asas imóveis a alta velocidade, batê-las até aos oitenta e depois mantê-las imóveis.”

Tentou novamente a seiscentos metros de altitude, rodopiando no mergulho, com o bico esticado para baixo, as asas completamente abertas e estáveis assim que atingiu os 80 quilómetros por hora. Exigiu uma força tremenda, mas funcionou. Em dez segundos ele tinha atingido, inconscientemente, os 140 quilómetros por hora. Fernão tinha estabelecido um recorde mundial de velocidade para gaivotas!

Mas a vitória foi de pouca dura. No momento em que começou a tentar travar, no momento em que mudou o ângulo das asas, viu-se no mesmo desastre descontrolado e, a 140 quilómetros por hora, isso atingiu-o como dinamite. Fernão Gaivota explodiu no ar e esborrachou-se contra um mar que parecia uma parede de tijolo.

Quando recuperou os sentidos já tinha escurecido e ele estava a flutuar à luz da lua, na superfície do oceano. As asas pareciam-lhe barras de chumbo esfarrapadas, mas o peso do falhanço pesava-lhe ainda mais sobre as costas. Desejou, em surdina, que o peso fosse suficiente para o arrastar suavemente para o fundo e pôr um fim a tudo aquilo.

Ao afundar-se, soou uma estranha voz dentro dele. “Não há nada a fazer. Sou uma gaivota. Estou limitado pela minha natureza. Se fosse suposto eu aprender tanto sobre o voo, teria mapas no lugar do cérebro. Se fosse suposto voar a grande velocidade, teria as asas curtas de um falcão e alimentar-me-ia de ratos, em vez de peixe. O meu pai tinha razão. Tenho de esquecer esta loucura. Tenho de voar para casa, para o Bando, e contentar-me com o que sou, uma pobre gaivota limitada.”

A voz sumiu-se e Fernão concordou. O sítio onde uma gaivota deve estar à noite é em terra e jurou que, a partir daquele momento, seria uma gaivota normal. Isso deixaria toda a gente mais feliz.

Elevou-se, exausto, da água escura e voou em direção a terra, grato por já ter aprendido que voar a baixa altitude poupava muito esforço.

“Mas não”, pensou, “basta de ser como era, vou esquecer tudo o que aprendi. Sou uma gaivota como qualquer outra gaivota e vou voar como tal.” Por isso, subiu dolorosamente até aos 30 metros de altitude e bateu as asas com mais força, acelerando para terra.





Sentiu-se melhor por ter decidido ser apenas mais um membro do bando. Agora deixaria de estar preso à força que o impelia para aprender, não haveria mais desafios nem mais falhanços. E era bonito parar de pensar e voar simplesmente através da escuridão, em direção às luzes sobre a praia.

“Escuridão!” A voz estranha soou alarmada. “As gaiotas nunca voam na escuridão!”

Fernão não estava atento, não a ouvia. “É bonito”, pensou. “A lua e as luzes a cintilar na água, emitindo pequenas centelhas através da noite, e tudo tão pacífico e sossegado...”

“Desce! As gaiotas nunca voam na escuridão! Se fosse suposto voares na escuridão terias os olhos de uma coruja! Terias mapas no lugar do cérebro! Terias as asas curtas do falcão!”

Ali, na noite, a 30 metros no ar, Fernão Capelo Gaiota pestanejou. A dor e as resoluções desapareceram.

Asas curtas. *As asas curtas de um falcão!*

“É essa a resposta! Que parvo que tenho sido! Tudo o que preciso é de uma pequena asa, tudo o que preciso é de encolher a maior parte das asas e de voar apenas com as pontas! *Asas curtas!*”

Subiu para os seiscentos metros sobre o mar negro e, sem um momento para pensar no falhanço ou na morte, apertou com força as asas anteriores contra o corpo, deixando apenas que as extremidades pontiagudas das asas cortassem o vento, e lançou-se num mergulho vertical.

O vento era um rugido monstruoso sobre a sua cabeça. Cento e dez quilómetros por hora, cento e quarenta, cento e noventa e a

acelerar. O esforço das asas agora, a duzentos e vinte e cinco quilómetros por hora, não era sequer tão intenso como tinha sido anteriormente a cento e dez e, com apenas um ligeiro rodar das pontas das asas, ele escapou à queda e saiu disparado sobre as ondas, como uma bala cinzenta de canhão sob a lua.

Fechou os olhos para se proteger do vento e rejubilou. “Duzentos e vinte e cinco quilómetros por hora! E sob controlo! Se eu mergulhar a um quilómetro e meio de altitude em vez de 300 metros, que velocidade será que...?”

Os seus votos de há momentos foram esquecidos, varridos por aquele vento rápido. E, ainda assim, não sentiu qualquer culpa por quebrar as promessas que fizera a si próprio. Tais promessas são apenas para gaivotas que aceitam o vulgar. Uma que tocou a excelência na aprendizagem não necessita desse tipo de promessas.

Ao nascer do sol já Fernão Gaivota estava novamente a praticar. Vistos a um quilómetro e meio de distância, os barcos de pesca eram pequenos pontos no azul calmo da água e o Bando do Pequeno-almoço era uma nuvem de átomos de pó aos círculos.

Estava vivo, com um ligeiro tremor de satisfação, orgulhoso por ter o medo controlado. Então, sem cerimónia, encolheu as asas anteriores, estendeu as curtas e angulosas pontas das asas e lançou-se direto ao mar. Na altura em que passou os mil e duzentos metros já tinha atingido a velocidade máxima e o vento era uma parede sólida de som contra a qual não conseguia ir mais depressa. Estava agora a voar a direito, a trezentos e quarenta e cinco quilómetros por hora. Engoliu em seco, sabendo que se

abrisse as asas àquela velocidade seria reduzido a um milhão de pequenos farrapos de gaivota. Mas a velocidade era poder, e a velocidade era alegria, e a velocidade era beleza pura.

Começou a desacelerar aos 300 metros, com as pontas das asas a tremer ruidosamente devido ao vento gigantesco. O barco e a multidão de gaivotas aproximavam-se e cresciam a uma velocidade meteórica, diretamente no seu caminho.

Ele não conseguia parar. Ainda nem sequer sabia virar àquela velocidade.

A colisão seria morte instantânea.

Por isso, fechou os olhos.

Aconteceu nessa manhã, logo após o nascer do sol, quando Fernão Capelo Gaivota passou disparado pelo meio do Bando do Pequeno-almoço, a trezentos e quarenta quilómetros por hora, de olhos fechados, com um infernal rugido de vento e penas. A Gaivota da Sorte sorriu-lhe desta vez e ninguém morreu.

Quando finalmente conseguiu elevar o bico em direção ao céu ainda seguia a uma perigosa velocidade de duzentos e sessenta quilómetros por hora. Quando conseguiu desacelerar até aos trinta e, finalmente, estender as asas outra vez, o barco parecia uma migalha no mar, a mil e duzentos metros lá em baixo.

Os seus pensamentos eram triunfantes. Velocidade máxima! Uma gaivota *a trezentos e quarenta quilómetros por hora!* Era um progresso, o maior feito da história do Bando e, naquele momento, abriu-se um novo mundo para Fernão Gaivota. A voar para a sua zona solitária de treino, a dobrar as asas para um mergulho de dois mil e quatrocentos metros, decidiu que ia aprender a curvar.

Descobriu que se movesse só uma pena da ponta da asa, menos de dois centímetros, conseguia virar suavemente a uma velocidade incrível. Antes de aprender isto, no entanto, percebeu que se movesse mais do que uma pena àquela velocidade rebolaria como uma bala de espingarda... e, assim, Fernão tinha sido a primeira gaivota do mundo a fazer acrobacias durante o voo.

Nesse dia não perdeu nenhum tempo a conversar com outras gaivotas e continuou a voar para além do pôr-do-sol. Descobriu como fazer uma curva de trezentos e sessenta graus na vertical, a rodar lentamente na horizontal, a rodar sobre o próprio corpo, a fazer um parafuso invertido, de cabeça para baixo, a voar em meio círculo, e a dar voltas como um catavento.

>>>

Quando Fernão Gaivota se juntou ao Bando na praia, já era noite cerrada. Sentia tonturas e estava terrivelmente cansado. Mesmo assim, encantado, fez uma curva de trezentos e sessenta graus na vertical antes de aterrar e rodou sobre si próprio mesmo antes de tocar o solo. “Quando souberem do Progresso”, pensou, “vão ficar doidos de alegria. Agora temos muito mais por que viver! Em vez da labuta diária de ir aos barcos e voltar, temos uma razão para viver! Podemos erguer-nos da ignorância, podemos tornar-nos criaturas de excelência e de inteligência e de habilidade. Podemos ser livres! *Podemos aprender a voar!*”





